

caso não se filia às caçadas coletivas dos Boróro, de sentido eminentemente religioso.

Para se compreender a natureza do mutirão, como para determinar-lhe as origens, é indispensável, antes do mais, distinguir com algum rigor entre o que há de específico nessa instituição e o sem-número de formas de trabalho cooperativo existentes em tôdas as partes do mundo. E' pena que Clovis Caldeira não o tenha feito. E se, por exemplo, transcreve dados de Wagemann, Willems (apoiado em Francisco S. G. Schaden), Saito e outros que observaram instituições de ajuda mútua entre imigrantes e seus descendentes no meio rural brasileiro, não chega a precisar as linhas mestras do processo aculturativo em jôgo exatamente por não dispor de conceituação bastante clara. Foi pela mesma razão, por certo, que não teve ânimo de rematar o livro com um capítulo, pequeno embora, em que tentasse resumir ou sistematizar os resultados gerais da pesquisa.

Em conjunto, é pouco satisfatória a contribuição de Clovis Caldeira. As falhas de sua formação antropológica não as conseguiu suprir o autor pela diligência com que se entregou à realização da tarefa. Não se manifesta, em todo o livro, uma consciência bastante viva dos problemas fundamentais, nem um conhecimento razoável de perspectivas teóricas e métodos de pesquisa científica. O leitor não chega, por isso, a distinguir entre o essencial e o accidental. Nem por isto a obra deixa de ter a sua utilidade: espalhadas pelo texto, contém algumas observações interessantes e, na parte documental, uma série de elementos que ainda não haviam sido registrados por ninguém.

*Egon Schaden*

OTTO ZERRIES: *Wild- und Buschgeister in Südamerika. Eine Untersuchung jägerzeitlicher Phänomene im Kulturbild südamerikanischer Indianer.* 414 págs. Franz Steiner Verlag GmbH, Wiesbaden, 1954. (Preço: broch. DM 28. —, encad. DM 32. —).

Diante da riqueza de informações sôbre a mitologia dos índios sul-americanos, é surpreendente o número reduzido de tentativas de interpretação e sistematização até hoje apresentadas. Tanto maior é o interesse do livro de Zerries, que, tendo por objeto o estudo comparativo dos espíritos dos animais e da floresta como expressão da mentalidade das tribos de caçadores na América do Sul, encerra um notável esforço de obter pela análise mitológica uma compreensão mais profunda da revolução cultural representada pela invenção da lavoura em época pré-histórica.

Filiando-se à corrente etnológica de Frobenius, Zerries pretende, pois, antes a exploração histórico-cultural dos mitos indígenas do que a sua análise psico-sociológica. Se esta a interessa, não é para lhe revelar a vinculação entre as diferentes culturas tribais e as respectivas mitologias, mas para lhe permitir a determinação dos caracteres básicos da concepção do mundo peculiar aos caçadores em oposição à dos lavradores.

Na criação das figuras míticas, a mentalidade das tribos caçadoras (da América do Sul, baseando-se predominantemente numa concepção animista da natureza, deu origem sobretudo a duas categorias de espíritos, os dos animais e os da floresta. O primeiro grupo compreende não somente "as divindades e espíritos a que estão subordinados os animais da caça", como também "as entidades espirituais ou almas com freqüência atribuídas a cada animal individualmente", ao passo que o segundo abrange seres associados a determinadas plantas e árvores, ao lado de espíritos — de caráter, não raro, demoníaco — que simplesmente habitam a floresta.

Exemplo característico das interpretações histórico-culturais do autor é a sua maneira de compreender a oposição entre a parêlha de heróis gêmeos, de um lado, e os espíritos da floresta, do outro. O antagonismo entre uns e outros lhe parece refletir o encontro de dois estratos culturais distintos, representando os espíritos da floresta reminiscências da fase cultural da caça, mais antiga, e a parêlha dos gêmeos a da lavoura, mais recente. O dualismo exprimiria o processo de transição entre as duas fases (págs. 314-315). Todavia — e esta é uma das teses principais do livro — em muitas culturas a transformação do regime econômico não acarreta desde logo a revolução da mitologia ou, pelo menos, da mentalidade que nela se reflete; ao contrário, o pensamento típico das tribos caçadoras se distingue por extraordinária “virulência”, o que faz com que, por exemplo, os Tupí, embora lavradores, vivam dominados por uma espécie de representações “proto-totemistas” (pág. 342). Já na introdução ao livro (pág. 1), Zerries formula a sua convicção de que “o momento mais importante da evolução cultural da América do Sul se fundamenta na circunstância de que a substituição do regime da caça pelo cultivo do solo freqüentemente se processou apenas no plano econômico, mas não no da visão do mundo”. E’, sem dúvida, uma idéia justa, formulada em sentido amplo já por Karl von den Steinen com referência aos índios por êle visitados. Em sua obra-prima *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* se lê, entre outras coisas, a frase: “Quanto à cultura espiritual — e êste é um ponto de grande importância — os índios do Xingu, apesar de uma intensa lavoura, viviam ainda em plena e genuína fase de caçadores” (pág. 201). A obra de Zerries, por sua vez, põe em evidência a validade dessa observação para a grande maioria dos naturais sul-americanos.

E’ respeitável o número de fontes aproveitadas e a cópia de material reunido no volume. Da interpretação resultou uma obra altamente sugestiva, na qual se resolvem numerosas questões e se levantam outras tantas, que hão de ser retomadas um dia pelo próprio autor ou por outros estudiosos do assunto. Talvez seja necessário rever parte das conclusões particulares, principalmente por causa de uma certa afoiteza, notada cá e acolá, em estabelecer correlações e parentescos. E talvez convenha mesmo discutir mais a fundo o problema do “parentesco” psicológico das representações míticas (no sentido de “idéia elementar” ou coisa que modernamente lhe corresponda) em face da hipótese de correlações histórico-culturais — não, é claro, para ressuscitar velhas discussões entre escolas, mas para dar ao leitor clareza bastante quanto à maneira de se tomarem similitudes de idéias míticas como parentescos genuínos, isto é, como algo mais do que simples analogias de imagens. A exposição crítica dos fundamentos teóricos e metodológicos da obra não somente facilitaria ao leitor a adesão às conclusões apresentadas, mas seria evidentemente uma contribuição valiosa para outros pesquisadores que, por seu turno, queiram pisar o chão movediço da mitologia comparada dos nossos aborígenes.

*Wild- und Buschgeister in Südamerika* é livro que desde logo deveria ser pôsto ao alcance do etnólogo brasileiro que não leia o alemão. Oxalá não lhe seja reservado o destino da primeira obra de sistematização da mitologia sul-americana, escrita por Ehrenreich há mais de meio século e ignorada ainda hoje pelos nossos estudiosos da matéria!

*Egon Schaden*